

Luís Vaz de Camões regressa à pátria em condições precárias. Pobre. Mas "em Lisboa surge sua obra-prima, *Os Lusíadas*", 1572, em cujas estâncias e decassílabos percebem-se aspectos de "uma antropologia sócio-cultural já madrugadora, sob forma supremamente literária" (p. 89)

Encerra deste modo Gilberto Freyre o seu original ensaio camoniano, sugestivo, e provocador de mais pesquisas e elucubrações.

Ruben Franca

Universidade Católica de Pernambuco

ROSADO MAIA, Jerônimo Vingt-un, ed. *Coleção Mossoroense*. v. I — . Mossoró, Fundação Joaquim Guimarães Duque, 1948 — . (O último volume publicado é o CCXCIX, de 1983)

A palavra *coleção* — que no métier editorial é sinônima de *série* e de *biblioteca* — designa um conjunto de obras publicadas a intervalos irregulares, com autores e títulos específicos, mas de formato uniforme, título genérico e um ou vários editores responsáveis pela seleção. Em seu *Traité de Documentation*, Paul Otlet mostra que as coleções, neste sentido técnico, surgiram dos tratados, quando o progresso da ciência tornou impossível a abordagem de certas matérias por um só autor e dentro dos limites de um ou mais volumes. Assim — exemplifica Otlet — o *Nouveau Traité de Médecine et de Thérapeutique*, de Brouardel e Gilbert (1906), dizia no prefácio que deixava aos dicionários e aos tratados do passado a antiquada apresentação em grossos volumes, incômodos para a consulta e, mais ainda, para a leitura, optando por fascículos separados e inteiramente distintos, cada qual com título, paginação e comercialização independentes.

Coleções como, na França, a *Bibliothèque de la Pleiade*, ou, no Brasil, a *Documentos Brasileiros*, não deixam de ser grandes tratados. A *Brasiliانا* da Companhia Editora Nacional foi definida por Anísio Teixeira como a grande enciclopédia brasileira que ainda não possuíamos (hoje existem várias, embora nem todas sejam da mesma categoria da grande *Delta-Larousse* ou da *Mirador Internacional*).

Éstas considerações me foram sugeridas pelos mais recentes volumes da *Coleção Mossoroense*, que Vingt-un Rosado vem editando com uma competência e uma constância verdadeiramente exemplares. Em 1983 apareceram a *Bibliografia de interesse para o estudo da problemática da seca*, de Adélzira Batista de Araújo e Josetine Vasque; *Novo modelo organizacional para o Brasil: o regionalismo autêntico*, de Jerônimo Rosado Neto; *Geografia, sociedade e cultura*, de Manuel Correia de Andrade; *Permanência de Rodolpho von Ihering*, de Melquíades Pinto Paiva; *Tércio Rosado Maia, um pioneiro*, de Nilo Pereira; *Presença*

de uma professora primária, de Ozelita Cascudo Rodrigues; *História social da abolição em Mossoró*, de Raimundo Nonato; *Tércio Rosado, professor e semeador de idéias*, de Raimundo Nunes; *Quinto livro das secas*, *Sétimo livro das secas* e *Nono livro das secas*, coletâneas organizadas por Vingt-un Rosado; e *Dicionário de "O Mossoroense"*, de Vingt-un Rosado e Josetine Vasque. De 1984 é o livro do historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello, prefaciado por Hélio Jaguaribe, *A Revolução estatizada: um estudo sobre a formação do centralismo em 30*.

São títulos e autores que evidenciam o alto nível da Coleção Mossoroense. Deixando aos mais competentes a tarefa de apreciá-los individualmente, detomei no exame da coleção em seu conjunto, como está evidente no cabeçalho da presente recensão. Trata-se — diga-se logo — de um dos mais sérios empreendimentos editoriais do Brasil, em cujo mapa cultural a cidade de Mossoró ocupa lugar de destaque. O que ali se realiza em matéria tanto de produção editorial como de biblioteca popular, museu, ensino e pesquisa é algo de surpreendente num país onde os livros e as revistas de uma importante biblioteca — a do extinto Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais — são vendidos a uma fábrica de papel higiênico.

O primeiro volume da Coleção Mossoroense, publicado em 1948, foi *A família Cambôa*, de Francisco Fausto de Sousa. Desde então, os títulos se sucederam em ritmo acelerado, todos de grande interesse para a história, a geografia, a economia, o folclore, a agricultura, a indústria, a geologia ou a documentação naquela cidade, em particular, e no Nordeste, em geral.

Sei que não sou o primeiro a falar deste admirável surto cultural num município do interior do Rio Grande do Norte, pois conheço os importantes depoimentos recolhidos no volume *Notícia sobre a batalha da cultura*, impresso 30 anos depois da fundação da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró pelo prefeito Dix-sept Rosado: depoimentos que devem ser lidos pelos que, no Brasil, ainda não se deram conta do que uma biblioteca bem orientada pode fazer pela comunidade em que está integrada. Pois foi a Biblioteca Pública Municipal de Mossoró que deflagrou o movimento de animação cultural de que a Coleção Mossoroense é o produto bibliográfico.

De Jerônimo Vingt-un Rosado Maia deve-se destacar que não é apenas o atual responsável pela Coleção Mossoroense, mas incentivador de todo o movimento, como presidente da Fundação Guimarães Duque, mantenedora da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, sendo ele próprio autor e organizador de várias monografias e coletâneas. Trata-se de um homem-orquestra. Sua dedicação e seu dinamismo devem ser proclamados, para que fenômenos como o de Mossoró se multipliquem pelo interior do Brasil.

Edson Nery da Fonseca

Universidade de Brasília/Fundação Joaquim Nabuco